

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# PÁTIO LINHEIRO, LARGO DOS TRIGUEIROS: UM EXEMPLO DA LISBOA SEISCENTISTA

André Bargão / Aluno da licenciatura em Arqueologia / FCSH-UNL / andrebargao@gmail.com

Sara Ferreira / Aluna do mestrado em Arqueologia / FCSH-UNL / sara.isabel91@hotmail.com

## RESUMO

A realização de três sondagens geotécnicas no Pátio Linheiro (Largo dos Trigueiros, Mouraria), em 2010, permitiu a concretização de trabalhos arqueológicos, que possibilitaram a aferição da evolução urbanística desta zona na Idade Moderna. Colocando-se a descoberto um nível de aterro foi possível recolher um considerável e variado espólio, formado por cerâmica comum, cerâmica modelada, faiança portuguesa, porcelana chinesa e fragmentos de outras produções mais singulares, como um cachimbo de origem holandesa ou um *Martaban*. Este considerável espólio, em conjunto, aponta para segunda metade do século XVII, traçando o quotidiano da Lisboa moderna como uma cidade da Expansão, através do comércio estabelecido, não só com a Europa do Norte, mas igualmente com o Extremo Oriente.

## ABSTRACT

The construction of three geotechnical surveys on the Pátio Linheiro (Largo dos Trigueiros, Mouraria) in 2010 allowed an archaeological campaign that enabled the measurement of the urban evolution in this area in the early modern period. Discovering a level of landfill, it was possible to collect a considerable and varied amount of archaeological finds. These included earthenware, Portuguese faience, Chinese porcelain and other more singular productions, such as a Dutch pipe or a *Martaban* vessel. Dated from the second half of the 17<sup>th</sup> century, these archaeological remains allow us to trace the daily life of Lisbon as a city of overseas expansion, through the established commerce with Northern Europe and the Far East.

## 1. INTRODUÇÃO

O Pátio Linheiro, situado no nº10 do Largo dos Trigueiros, encontra-se na actual freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço, nas proximidades da Rua do Poço do Borratem, localizando-se a intervenção no tardoz da Casa de João das Regras<sup>1</sup>. Contudo, devido à escassa e parca documentação existente sobre o local, baseámo-nos na informação toponímica. Assim, sugere-se que este espaço urbano teria um acentuado cariz industrial, associado ao trabalho do couro, como se depreende do Beco dos Surradores. Observando a malha urbana delimitada pela Cerca Fernandina constata-se a proximidade à porta de acesso à Mouraria de Lisboa. Júlio Castilho refere que, nas redondezas do local, estariam edificadas

em período moderno vários palácios, como o de São Cristóvão, o do Marquês de Tancos e o dos Caldas, persistindo como área palaciana até ao terramoto de 1755 (Castilho, 1955, pp.117). A primeira representação cartográfica do Largo dos Trigueiros após catástrofe surge no levantamento topográfico elaborado às freguesias de Lisboa nesse ano, denotando-se já a delimitação actual do pátio, que parece corresponder a um espaço privado (Figuras 1).

## 2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Aquando da intenção da Unidade de Projecto da Mouraria de concretizar um projecto de requalificação do Largo dos Trigueiros, que visava a construção de equipamentos de cariz sociocultural, foram levadas a cabo demolições de oito estruturas de habitação precária. O Pátio Linheiro, situado em área de grande sensibilidade, exigiu a presença de trabalhos

1. Espaço classificado como Imóvel de Interesse Público, Diário da Republica, 24 de Janeiro, 1983.

arqueológicos, realizados pelos arqueólogos Ana Caessa e António Marques, juntamente com a geóloga Eva Leitão, do Museu da Cidade de Lisboa. O remeximento do solo obrigou à realização de cinco sondagens, duas mecânicas (A e B), e três arqueológicas, denominadas por poços (C, D e E) (Figura 1). O poço C, localizado nas paredes Oeste e Sul do pátio, tinha 1,50 por 1 m, atingindo 1,50 m de profundidade. Foram identificadas três camadas que, devido à recolha de materiais de construção contemporâneos, foram interpretadas como remeximento. No que diz respeito ao espólio foram recolhidos exemplares em cerâmica comum, faiança portuguesa, porcelana chinesa e azulejos contemporâneos. Foi igualmente identificada, a 1,50 m de profundidade, uma estrutura interpretada como sendo o embasamento do muro de contenção Oeste do Pátio Linheiro, sobranceiro ao logradouro do tardo da denominada Casa de João das Regras.

No canto Sudeste do Pátio localizava-se o poço D, com 1,46 por 0,84 m, atingindo o afloramento rochoso a 0,99 m de profundidade. Foram igualmente identificadas três camadas, sendo que apenas a inferior não tinha materiais contemporâneos. No afloramento rochoso foi registada uma estrutura negativa com cerca de 0,57 m de diâmetro, cuja utilização pode ser anterior ao século XVI, tendo em conta a presença de um fragmento de majólica que, devida à sua decoração composta por paletas estilizadas em tons de azul, aponta para as oficinas quinhentistas de Deruta.

O poço E localizava-se no canto Nordeste do Pátio. De dimensões compreendidas entre 1,40 m e 1,20 m, apenas atingiu o 1,80 m de profundidade devido a questões de segurança. Neste apenas se identificou uma camada, onde foi exumada uma abundante quantidade de materiais cerâmicos seiscentistas, incluindo cerâmica comum, cerâmica fina, faiança portuguesa, porcelana chinesa e um fragmento de *Martaban*. A recolha de materiais contemporâneos comprometeu a estratigrafia do local, sugerindo um remeximento na segunda metade do século XX.

### 3. MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

Devido à semelhança tecnológica e tipológica de boa parte das produções cerâmicas optou-se por não individualizar a proveniência no espaço intervenção, sendo que a grande maioria do conjunto é oriunda do Poço E.

#### 3.1. Cerâmica comum

Foram recolhidos um total de 1283 fragmentos de cerâmica comum, sendo que, deste valor, 53 correspondem ao Poço C, 85 ao Poço D e os restantes ao Poço E. Todo o conjunto corresponde a peças em barro vermelho com elevada semelhança na coloração das pastas e frequência de elementos não plásticos, com predomínio de quartzos, micas e fragmentos pétreos de pequeno calibre.

Devido à grande fragmentação do espólio não foi possível atribuir uma categorização tipológica a 587 fragmentos. Nos restantes 696 destaca-se a presença de panelas (321 fragmentos), cântaros (105), pratos (67), tachos (28) e fogareiros (25). Com menor frequência foram identificadas tigelas e púcaros (13 cada), testos (12), bispotes (7), cantis (2), uma medida e uma garrafa (figura 4). Trata-se de um conjunto cuja funcionalidade relaciona-se com a cozinha (em grande maioria das formas), da própria confecção (devido à presença de marcas de fogo em fogareiros, panelas e caçoilas) e de armazenamento (cântaros). No que diz respeito ao acabamento de superfície identificaram-se apenas dois revestimentos, o brunido e o vidrado. O primeiro corresponde aos fragmentos classificados enquanto caçoilas (50 fragmentos), o segundo aos alguidares (50) e ao pote (Figura 1). O brunido proporcionava anti aderência na confecção de alimentos e, tal como o vidrado, promovia a higienização e impermeabilização. O pragmatismo e a simplicidade funcional destas formas do quotidiano transparecem na ausência de elementos decorativos, verificando-se unicamente a delimitação dos bordos dos alguidares com corda ou cordão.

#### 3.2. Faiança portuguesa

Foram exumados um total de 617 fragmentos de faiança portuguesa, em que 102 correspondem aos Poços C e D, distribuídos proporcionalmente, e 515 fragmentos ao Poço E. A generalidade das pastas é composta por areias siliciosas e “cerâmica moída”, podendo ser divididas em quatro grupos: pasta de cor amarelada, que devido à sua pouca compactação, favorece a desintegração; pasta de cor branca amarelada, compacta, a predominante; pasta de coloração rosada e muito compacta; e, por fim, e pouco expressiva, pasta de cor avermelhada e muito compacta. É no conjunto dominante, constituído por fragmentos de produção lisboeta, que inserimos, ainda que com reservas, os fragmentos de faiança azul sobre azul,

sugerindo que, para além de oficinas de Veneza e Sevilha, este tipo decorativo seria igualmente produzido em Lisboa.

Quanto às formas predominam as taças, subdivididas em paredes altas e baixas (137 fragmentos), e os pratos (102), estando neste grupo incluídos os rasos e altos (Figura 1). Com menor frequência registaram-se saladeiras (22) (Figura 1), os especeiros (17) (figura 9), os jarros (figura 10) e os potes (2 fragmentos cada), uma garrafa (Figura 2) e uma fruteira (Figura 2). Paralelamente a este grupo existe um conjunto de peças de cariz decorativo e utilitário, como duas estatuetas, uma figura de configuração antropomórfica e uma tampa de recipiente/caixa. Porém, e devido à ausência de peças completas, alguns fragmentos foram classificados como indeterminados (237). A grande maioria dos fragmentos deste grupo apresenta um revestimento a azul sobre branco, seguindo-se a loiça tipo malagueira e escassos exemplares em manganês e em azul sobre azul. Não descurando a grande variedade decorativa, característica da faiança portuguesa, a temática deste conjunto assume-se essencialmente enquanto geométrica, sendo composta por linhas, círculos e semicírculos, espirais, escamas, rendas, pérolas, gomos e contas. O motivo de “contas” é sobejamente utilizado na segunda metade do século XVII, início do século XVIII. Paralelamente, é visível a influência vegetalista (flores, frutos, espigas, boninas, folhas, pétalas e aranhões), figurativa (antropomórfica, zoomórfica e paisagens) e, por fim, heráldica (brasões). Contrastando com o conjunto de cerâmica comum, estas peças em faiança seriam de levar à mesa, atestado o predomínio de tigelas e pratos. A observação da civilização asiática e da forma como as suas refeições eram degustadas culminou na progressiva redução das formas. A alimentação, outrora realizada em comunhão, numa reminiscência medieval, reduz-se à escala individual. O medo de pestes, epidemias e doenças contagiosas favoreceu esta alteração no quotidiano em época moderna.

### 3.3. Cerâmica fina

Sendo exclusivamente exumado do Poço E, o conjunto da cerâmica fina (modelada, lisa, pintada e pedrada) é composto por 116 fragmentos, tendo como principal característica as formas abertas, como púcaros, queimador, caçoila de reduzida dimensão, sino e potes. Relativamente à temática decorativa, a sua maioria corresponde a incisões e à digitação, que culmina

na deformação de bordos e na ocorrência de formas ovóides nas paredes das peças. Escassas são as peças que apresentam recurso a estampilhado, sobretudo nos bordos reticulados. As superfícies apresentam um acabamento, por vezes pouco cuidado, resultante da colocação de asas e da pressão exercida pelos instrumentos para a modelação das paredes. Estas são disfarçadas pela aguada, que confere às peças um toque aveludado e uma cor contrastante, fazendo sobressair a temática decorativa, que resulta num jogo entre relevos e depressões (Figura 2).

A maioria dos fragmentos apresenta uma pasta de coloração bege/castanho claro, com a ocorrência de elementos não plásticos de pequenas dimensões e em reduzida quantidade. Grande generalidade dos fragmentos, apresenta um acabamento de superfície em aguada de tom avermelhado. Por sua vez, a cerâmica pedrada é composta por fragmentos de reduzidas dimensões de calcários, exercendo um carácter vegetalista à decoração. Nos fragmentos correspondentes à cerâmica fina pintada, verifica-se a presença de listas verticais de pigmentação branca (anexos, Figura 2).

Em termos funcionais estas peças servem para a contenção de líquidos ou, no caso das peças que apresentam deformação do bordo, meramente como decorativas. Sabe-se com mais clareza que o uso deste tipo de recipiente cerâmico se generalizou nos finais do século XVI, atingindo uma grande difusão do seu uso em pleno século XVII. Constituía uma mais acessível alternativa à loiça fina importada, sendo utilizada enquanto recipiente para beber água ou relacionado com a confecção de doces.

### 3.4. Porcelana

Foram recolhidos nos três poços em estudo 20 fragmentos de porcelana chinesa, 16 pertencentes ao Poço E, 3 ao Poço C e apenas 1 no Poço D. Atendendo à reduzida dimensão dos fragmentos, apenas quatro permitiram uma aferição tipológica, incluindo 3 taças e uma tigela (Figura 2). Os exemplares decorados a azul de cobalto bastante vivo, ostentando um vidrado espesso e brilhante, apresentam temáticas decorativas alusivas à Dinastia Ming, em particular ao reinado de Wanli (1573-1619). Iconograficamente surgem cenas Taoístas (gralhas e pinheiros) e enrolamento de nuvens, peónias em flor e garças. A porcelana chinesa decorada a azul e branco era tida como dos mais apreciados objectos exóticos pe-

los Europeus, considerando-a um objecto de luxo. Como tal, não supreende o facto de um dos pratos identificados apresentar o vestígio de gatos, sinal da sua longevidade.

### 3.5. Majólica

O único exemplar de proveniência italiana, presente no poço D, é constituído unicamente por um fundo com arranque de parede, provavelmente uma taça. Apresenta um esmalte estanífero de boa qualidade, bastante espesso, com uma decoração em tons de azul, manganês e amarelo. Em teremos decorativos verificam-se temas vegetalistas, nomeadamente palmetas estilizadas a tons de azul, tema muito comum, representado em Deruta no século XVI (Castro, 2009, pp.144). A presença de óxido de manganês será provavelmente o testemunho da herança das produções arcaicas, anteriores ao século XV.

### 3.6. Martaban

Relativamente a este tipo cerâmico foi apenas possível recuperar um fragmento de parede. A espessura do fragmento (1,6 centímetros) aponta para a grande dimensão da peça, assim como a sua robustez, ostentando uma pasta de tonalidade negra, cor também do vidrado que a reveste. Este tipo de pote corresponde a produções do Sudeste Asiático, nomeadamente Indonésia e Filipinas, com cronologias desconhecidas. Quanto à sua funcionalidade sabe-se que foram concebidos para armazenamento, conserva de bens alimentares e água a bordo (Coelho, 2008, pp.76). O fragmento é um testemunho das activas trocas comerciais efectuadas na região sul do continente asiático com Portugal, entre os finais do século XVI e os inícios do século XVII.

### 3.7. Cachimbo holandês

O único exemplar de cachimbo em cerâmica (caulino) foi exumado no Poço D. É constituído apenas por parte da fornalha, arranque de haste e pedúnculo. A sua pasta bastante depurada e a temática decorativa, com as armas da cidade de Gouda nas laterais do pedúnculo e a marca impressa “B” na sua base, permitem atribuí-la a esta cidade holandesa. Esta última marca aponta também uma cronologia entre 1661 e 1871/1875, tendo a ela associados os seguintes fabricantes: *Jan Bastiaenz* (1704); *Nicolas Van Blokland* (1845-1850); *Bastiaan Overwesel* (1737-1770), *Jan Overwesel* (1730-1746); e *Cornelis Jooste Smient* (1686) (Calado; Pimenta; Silva, 2003, pp. 88). Sobre

o pedúnculo verifica-se a impressão de um “S”, letra que indica a baixa qualidade do produto: *Slegt*, que significa “mau” ou “inferior” (Martins, 1998, pp. 12). A presença deste material no registo arqueológico atesta a evolução do hábito de fumar e o sucesso que o mesmo atingiu na Europa a partir do século XVI, de tal forma que a produção de tabaco rapidamente se tornou em larga escala, fazendo parte das plantações nos mais recentes territórios descobertos. Consumir tabaco em cachimbos de caulino tornou-se corrente durante todo o século XVII, tornando assim emergentes as produções artesanais deste tipo de cachimbos na Inglaterra, Países Baixos e França.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao porto de Lisboa afluíram todo um conjunto de novidades com consequências incontornáveis no quotidiano lisboeta. Estas difundiam-se entre os estratos mais elevados, propagando-se à restante população. A alimentação foi uma das áreas do quotidiano que sofreu importantes transformações: o contacto com novos produtos e costumes originou novos hábitos e formas de estar à mesa e, com eles, novos recipientes cerâmicos. A afluência e integração de novos produtos fez surgir uma diversidade de novos utensílios. Bules e chávenas traduzem o degustar de duas bebidas proveniente do “Novo Mundo”, o chá e café. As especiarias, uma apreciada inovação do paladar quinhentista, teve como reflexo o surgimento de uma nova forma, o especieiro. A par das cerâmicas importadas e o surgimento de novas formas, na análise de cerâmica comum verifica-se a redução da sua dimensão, à escala individual. Porém, não apenas no âmbito da alimentação os Descobrimientos influenciaram o homem moderno. Novos hábitos foram adquiridos, entre eles a inalação da planta do tabaco, onde o seu consumo fez surgir durante o século XVIII a ampla difusão de peças sobre a forma de cachimbos cerâmicos.

A intervenção arqueológica decorrida no Largo dos Trigueiros, em Lisboa, apesar do elevado nível de contaminação estratigráfica, a par do grande grau de fragmentação do espólio, permitiu reunir um conjunto cerâmico exemplificativo do quotidiano lisboeta. Na sua globalidade denota-se a elevada frequência de cerâmica comum, que por sua vez corresponde na sua maioria a formas de apoio à cozinha, deixando as formas mais cuidadas para as peças de mesa, como a faiança portuguesa. Todas as produ-

ções registadas encontram paralelo em muitas outras intervenções na área desta cidade.

Partindo de características relativas de aferição cronológica, nomeadamente a temática decorativa presente na faiança portuguesa, pode balizar-se a maioria do conjunto na segunda metade do século XVII. A presença de exemplares como os fragmentos de majólica e porcelana chinesa poderiam recuar o conjunto para a centúria anterior, assim como a presença de um cachimbo holandês o avança para o século XVIII. Porém, o elevado nível de remeximento de subsolo, atendendo a um contexto de aterro, explica a discrepância cronológica. A presença de espólio quinhentista, atendendo ao seu valor, poderá explicar-se pela sua longevidade, facto comprovado pelos vestígios de gatos existentes num dos pratos de porcelana.

## BIBLIOGRAFIA

CALADO, Marco; PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo Banha da (2003) – Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Património e Estudos*, Lisboa. Nº5, pp. 83-95.

CASTILHO, Julio, 3ª ed. (1995), *Lisboa Antiga, bairros Orientais*. Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas da C.M.L.

CASTRO, Ana Sampaio e (2009) – *Cerâmica Europeia de importação no Mosteiro de S. João de Tarouca (séculos XV-XIX)*. Dissertação de Mestrado em História e Arqueologia da Expansão Portuguesa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

COELHO, Inês (2008) – *A cerâmica Oriental da Carreira da Índia no Contexto da Carga de uma Nau – A presumível Nossa Senhora dos Martíres*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdades de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

MARTINS, Miguel (1998) – Três cachimbos do Hospital de Todos-os-Santos. *Revista Municipal*. Lisboa. Nº23, pp.16-18.



Figura 1: Planta Topográfica de Lisboa. Serviços de Obras Públicas; direcção de J.A. Silva Pinto, Lisboa, 1911.  
 Figura 2: Topografia actual do sítio em estudo. <http://lxi.cm-lx.pt/lxi>, 2010.

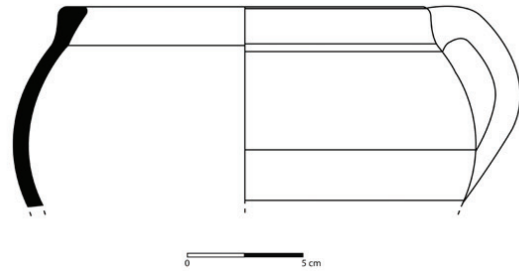
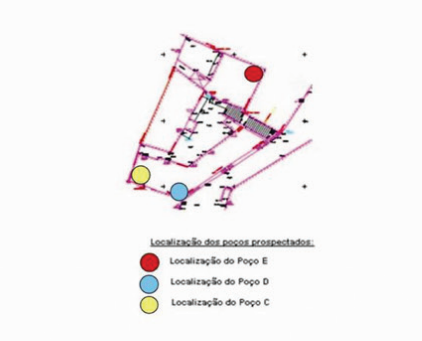


Figura 3: Plano de localização dos poços de prospecção geológica.  
 Figura 4: Fragmento de bordo, parede e asa de panela, cerâmica comum. (nº inventário: PL10.CC.0748).

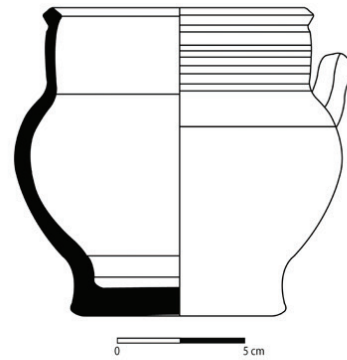
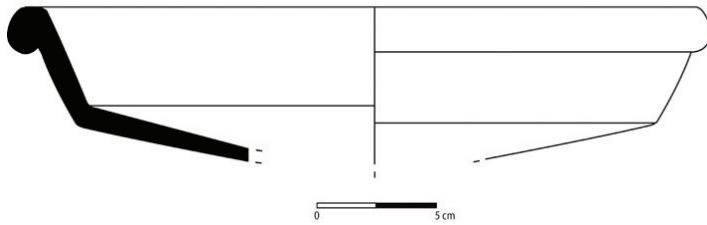


Figura 5: Fragmento de bordo e parede de caçoila, cerâmica comum (nº inventário: PL10/CC/2001).  
 Figura 6: Fragmento de bordo, parede, asa e fundo de pote, cerâmica comum vidrada (nº inventário PL10/CC/0254).

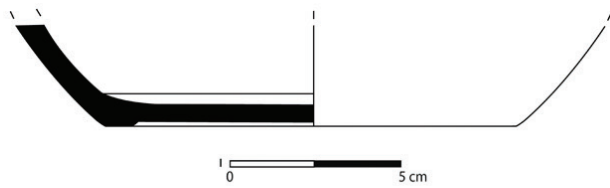


Figura 7: Fragmento de bordo, parede e fundo de prato, faiança portuguesa (nº inventário: PL10/F/0112).  
 Figura 8: Fragmento de parede e fundo de saladeira, faiança portuguesa (nº inventário PL10/F/425).

Figura 1 – Localização do Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros; desenhos de exemplos de peças de cerâmica comum e faiança portuguesa.

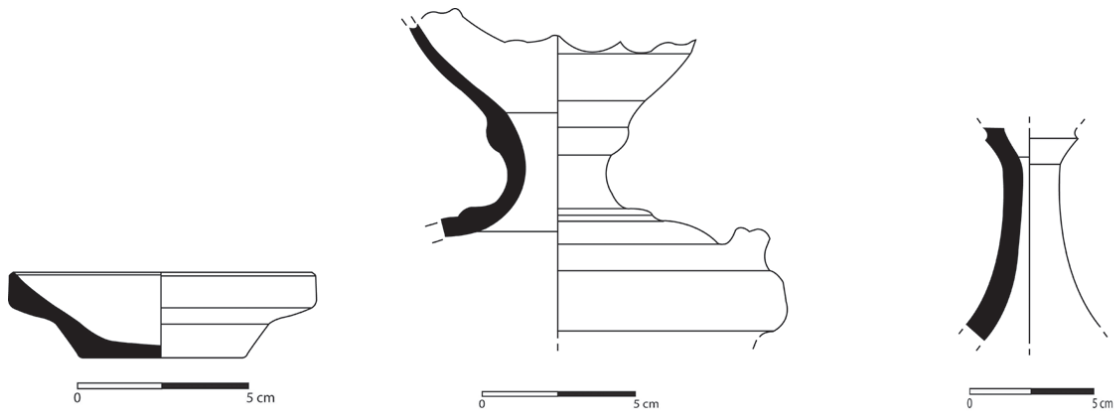


Figura 9: Fragmento de bordo, parede e fundo de especeiro (nº inventário PL10/F/0001).

Figura 10: Fragmento de bordo e parede de jarro em faiança portuguesa (nº inventário PL10/F/0505).

Figura 11: Fragmento de parede de garrafa em faiança portuguesa (nº inventário PL10/F/0507).

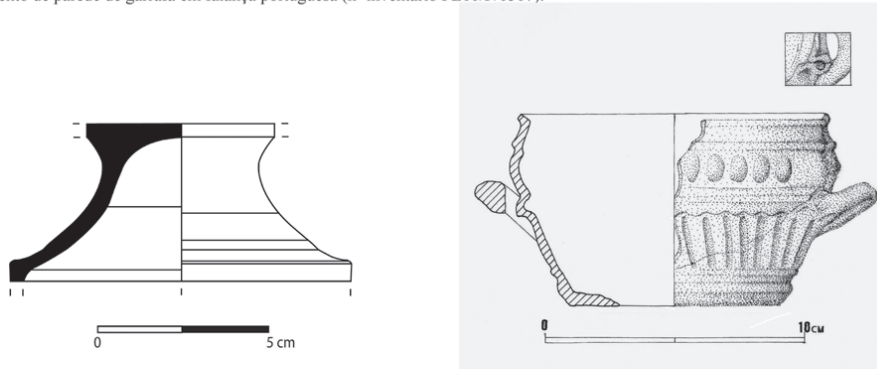


Figura 12: Fragmento de base de fruteira em faiança portuguesa (nº inventário PL10/F/0140).

Figura 13: Fragmento de bordo, parede e fundo de cerâmica modelada (nº inventário PL10/CC/0255). Desenho por Ângela Loureiro.

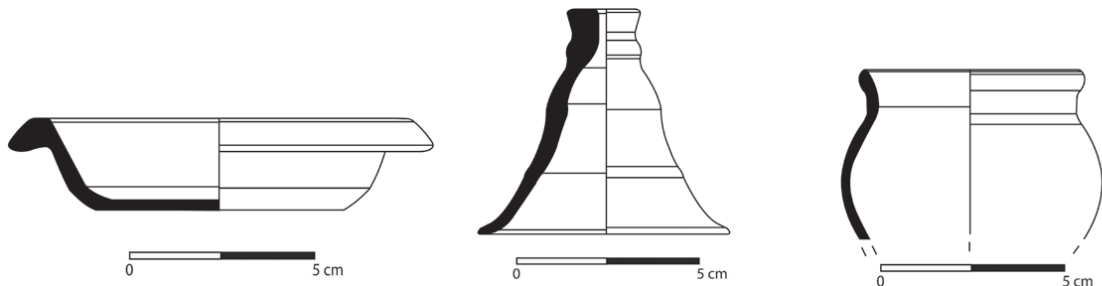


Figura 14: Fragmento de bordo, parede e fundo de caçoila em cerâmica comum (nº inventário PL10/CC/0304).

Figura 15: Fragmento de bordo, parede e fundo de sino em cerâmica comum (nº inventário PL10/CC/00306).

Figura 16: Fragmento de bordo e parede em cerâmica comum (nº inventário PL10/CC/0311).

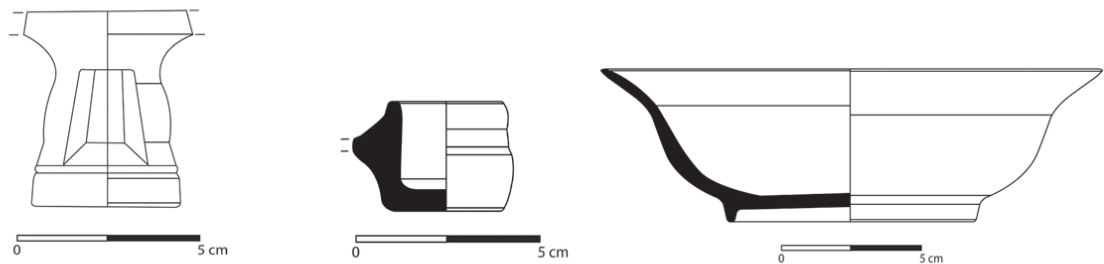
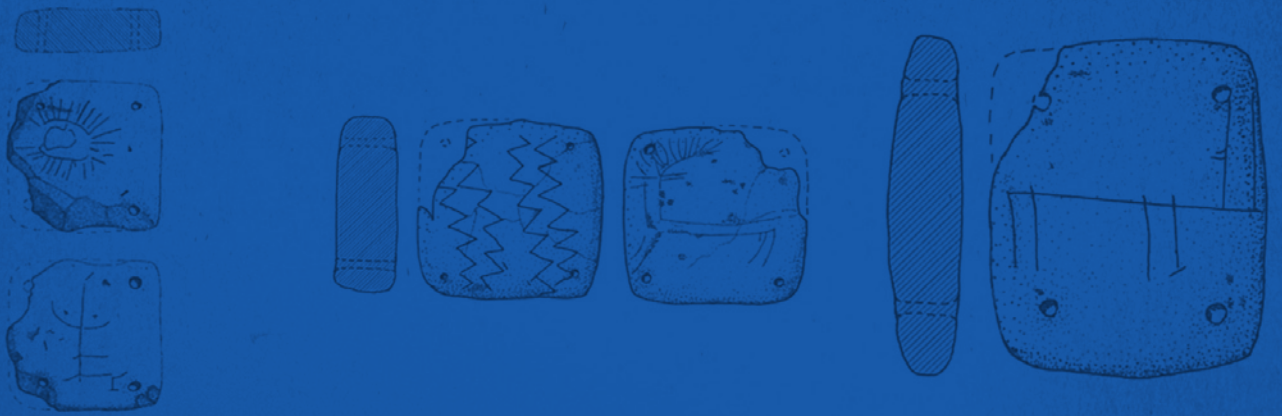
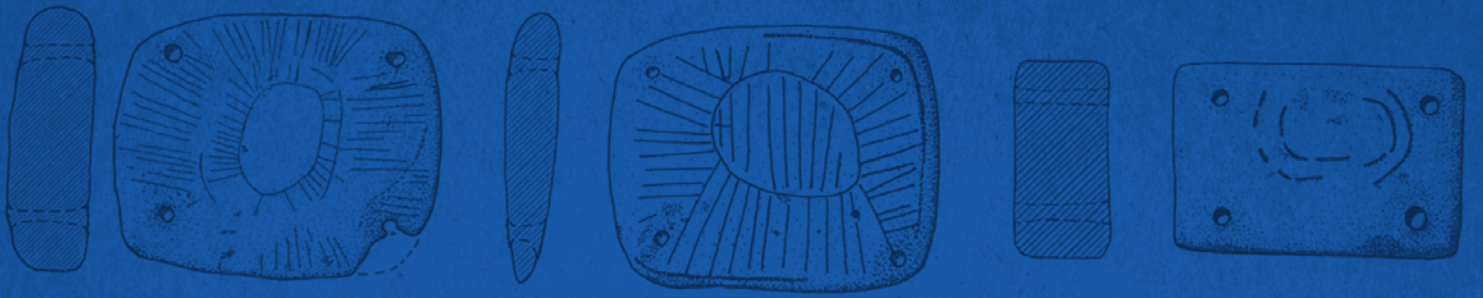
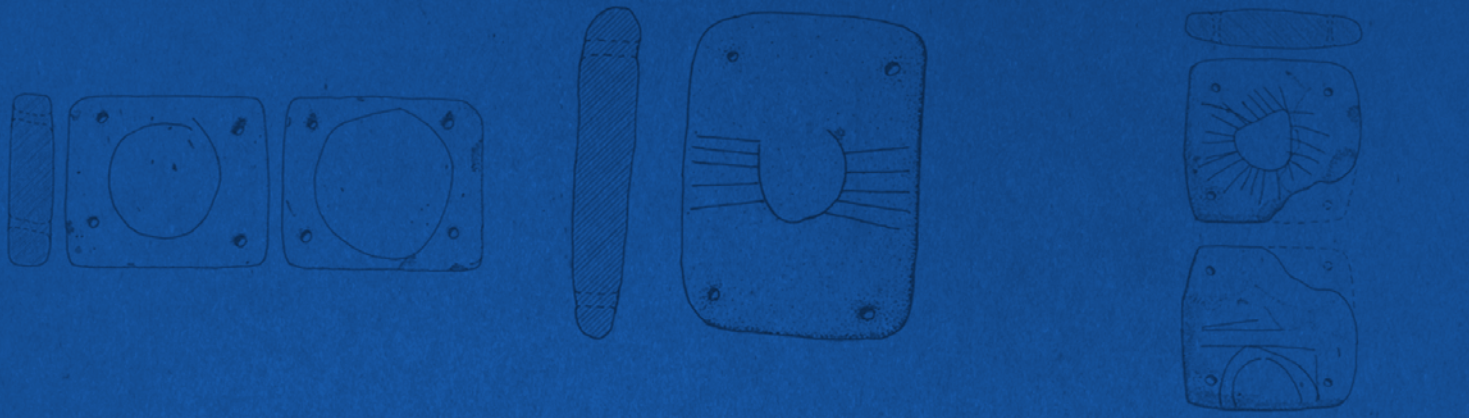


Figura 17: Fragmento de queimador em cerâmica comum (nº inventário PL10/CC/0317).

Figura 18: Fragmento de bordo, parede e fundo de medida em cerâmica comum (nº inventário PL10/CC/372).

Figura 19: Fragmento de taça em porcelana chinesa (nº inventário PL10/P/005).

Figura 2 – Desenhos de exemplos de peças em faiança portuguesa, cerâmica fina e porcelana.



**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua